

# O nã da questão

---

- livro

- 1ª parte

Fundação Cuidar o Futuro

---

nov. 1977

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRO MINISTRO

Fundação Cuidar o Futuro

27/11/77

## 1ª Parte

### O nó da questão

Penso e repenso, analiso e diafustico  
<sup>imagino</sup>  
~~idealizo~~ e profiramo, da f dou forma  
à utopia, idializo o pragmatismo.

Tudo isto bordado sobre a realidade  
paluh. vida e projecto e sonhada  
inacabada e em projecto

Recuso-me a aceitar uma denota  
histórica, <sup>Fundação Guiard o Futuro</sup> menos talvez por generosidade  
para com este povo que a não merece  
do que por necessidade ítima <sup>e imperiosa</sup>  
~~incontrolável~~ de lutar contra o absurdo  
de controlar o complexo de transformar  
~~em viável~~ em caminho viável o q os  
sentidos mostram como barreira intuan-  
sível. É por isso ouso falar. Incapaz  
de entrar no coro de um libreto de  
opéra tragico-comica, não me resta  
outra solução senão a de pesar na  
caulha e de dizer, fluxo e refluxo  
do meu próprio pensamento.

No fundo, move-me ainda a  
 inconsciente expectativa que da revolução  
 manipulada e prostituída nasca  
 corajosamente a revolução que vença  
 o "mau olhado" da história e <sup>salve</sup> ~~brute~~,  
 por um qualquer exercício tradicional  
 e mágico, desta doença de imaginação  
 em que dolorosamente se esvai a  
 alma nacional. É preciso também que  
 fime dito, que nesta aparente timidez  
 ou quixotismo, não posso garantir  
 que esteja em primeiro lugar o destino  
 de Portugal — uma exclusiva e natural  
 preocupação para o futuro do País a me  
 pertence. ?

Fundação Cuidar o Futuro

Colocou-me a minha própria história desde  
 desde um <sup>to</sup> cedo e e <sup>na</sup> <sup>as</sup> circunstâncias  
 face a um inevitável senti-  
 mento de responsabilidade perante as  
 forças, ideias e factos que conduzem  
 a humanidade inteira

É claro desde já que ao amesca  
 escrever uma frase tão ambiciosa  
 a não posso deslojar de algum mo-  
 mento chave da minha própria  
 nem tão pouco do conceito de responsa

3/  
bilidade planetária que experimento.  
Por isso, quanto à 1ª condição, terei que  
dizer, que o mundo estudantil dos anos  
50 foi para mim o lugar de uma  
espantosa descoberta da unidade das  
raças e culturas, da ausência real  
de fronteiras ao nível da comunicação  
+ profunda, da consciência transformada  
em imperativo ético de  $\bar{q}$  uma  $q^e$   
solidariedade põe sobre os  $\bar{u}$  ombros  
o destino de todos os  $\bar{H}$ s. Tão pouco  
posso negar que o imediato entendimento  
entre técnicos e cientistas do  $\bar{H}$  inteiro,  
a utilização de uma linguagem comum  
e a manipulação de conceitos e técnicas  
independentemente das latitudes  
e dos regimes políticos me levaram-me  
m<sup>to</sup> cedo a aceitar a evidência não só  
de uma mesma capacidade mas  
de uma convergência na utilização  
das estruturas e das matrizes técnicas  
~~em~~, na abordagem de  $\bar{q}$  problema  
Não foi por um acaso que em 1969  
ao ser-me formal/ posta a minha  
participação na Ass. Nacional, a tive  
de negar por, c<sup>o</sup> então dizia, ao exply

4  
citar q̄ não podia partir do pressuposto  
da continuidade da fuma colonial, "a  
~~lealdade~~ "pela à minha pátria passar  
inteiramente pela minha lealdade  
à humanidade e à sua evolução  
histórica" e assim que ao começar  
a escrever as preocupações e intenções  
q̄ me habitam sobre o "para onde  
vamos" da sociedade portuguesa, tenho  
q̄ honestamente confessar q̄ se me  
encontro orçamentalmente (para não dizer  
nemovetativamente!) empenhada na  
transformação da vida real dos 10 milhões  
de pessoas que neste rectângulo da  
Europa se ~~encanta~~ <sup>Fundação Cuidar o Futuro</sup> braco com a  
sua sobrevivência e o seu modo de  
ser histórico, estou tb objectivamente  
vinculada à ~~significação~~ <sup>significação</sup> dos acontecimentos  
q̄ Portugal te vindo de q̄ se reveste  
os acontecimentos q̄ Portugal te vindo,  
para a interpretação da histórica contem-  
porânea e para a formulação e  
tenos dados de problemas vitais  
para a felicidade dos H̄s neste  
fim de século e de civilização  
e q̄ nos encontramos.

É por isso q̄ no meu pensamento  
se cruzam constantemente os factos

concretos, os ordens nem lugares e nem 5/  
tempo bem determinados, e as pequenas  
fatias de teoria que esses fatos empõem  
e destacam no fluxo do pensamento  
vitalante. Continuo a dizer, sem  
recato de lugares comuns, nem do  
cinismo por onde se escapa a nossa  
angustia do fracasso, que Portugal tem sido  
um laboratório da História dos lus  
e como tal, o processo de transformação  
nele iniciado não pode ser precipitado  
pa - 29 produto externo nem neutraliza  
do pa - 29 a'udo corotivo e destruido.  
Assi ficam ditas as coordenadas e  
a me vae e hias; ~~que foram~~ explicadas  
os tropeços de estilo e o amalfama do  
aqui e do lorse.

No momento presente em Portugal, encontro a sobreposição de numerosos problemas. 1

Põe-se afudante a relação Sociedade Estado; Toma nova forma a conjugação da soberania Nacional com a integração dos espaços feo políticos; Assume proporções desmedidas o confronto da democracia parlamentar com os conjuntos reais de associações das pessoas no seu ~~cor~~ quotidiano concreto; Põe-se com uma nudez transparente a impotência da ciência económica face à salvaguarda do bem estar dos Homens. Questiona-se assim radicalmente as noções de desenvolvimento, ainda de crescimento económico, de progresso técnico, de libertação cultural. É nestas questões que vou tentar equacionar os dados que posuo. Vou fazê-lo a partir duma primeira afirmiação frontal:

A grande contradição da sociedade patifuesa neste momento está na tentativa de realização de recuperação económica pelo Estado, num espaço

e num tempo em q a economia 7/  
revela o seu próprio fracasso e se  
encontra incapaz de resolver a escala  
do planeta as distorções q a sua prática  
cessa fazer. Em outros termos, o desenvolvi-  
mento promovido pelo estado Português  
não pode senão conduzir ao não desen-  
volvimento global. O que parece ser  
uma primeira análise + invest  
+ prod. + e - puros e inevitável,  
para face do declínio do industrialismo  
nesta 1ª de século, equivalente a menos  
benefícios sociais, impossibilidade prática  
de = de de oportunidades, negação em  
tempo certo da própria identidade cultural.  
Se esta contradição é verdadeira,  
e se toca todos os aspectos da vida  
social a sua resolução supereça 2  
caminhos: o da redução ao absurdo,  
isto é, a aceitação da sua irreversibi-  
lidade e o alcance do ponto zero para  
depois tomba no anonimato de todas  
as experiências fallhadas e refun-  
dige a deixando o caminho da  
história dos outros ou, rebentou por  
dentro, quer dizer, utilizar de

forma crescente e clara o que é o /  
diminuído como fardo, o q̄ é  
handicap como desafio, o q̄ é aparen-  
cia de irresolubilidade como convite  
a uma nova criação. Ao apontar  
esta 2ª via fundo-me naturalmente  
na experiência da guerra colonial. Proble-  
ma q̄ começa por ser político, passa por  
uma noite de soluções militares, torna-se  
de novo problema político e aí tem a  
sua primeira originalidade. Continuam-  
mente ao q̄ acontecia em outros lugares  
e impérios não é o poder central da  
potência administradora q̄ decide  
política / o tema da dominação  
colonial. São os próprios ~~efeitos~~ efeitos  
das possibilidades dessa dominação  
q̄ subverte o processo, terminam ine-  
versível a dominação e q̄ ela  
instaura uma nova possibilidade  
de vida social e política. Como tive  
ocasião de o dizer e <sup>Março</sup> 1974 julho  
q̄ esse rebentar por dentro da 1ª contra-  
dição se foi repetindo a todos os  
níveis em q̄ se manifestavam as  
contradições secundárias do sistema.

Esses exemplos são ainda de casos q/  
próximos para q valha a pena  
fixá-los já numa sistematização  
massiva/ incompleta. O q me falta  
agora aqui é essa capacidade  
inerente à contradição fundamental analisada  
até à ausência, e até a isto é  
até ao limite do racional, poder desdobrar  
para si própria numa realidade total/  
outra.

Fundação Cuidar o Futuro

28/11/77  
10/

Reconheço o sabor aparente/ demagógico da explosão a que acabo de me referir, e por isso me apresso a justificá-la e a traduzi-la em outras afirmações. Na ~~an~~

Na análise que diariamente nos <sup>ajuda</sup> vem para ~~as~~ as mãos, os ouvidos, e os olhos (e isto porque não poderia ajudar nunca o uso bom senso ancestral) tem sido sempre referidas causas lógicas para as dificuldades em que o país se encontra. É para muitos ainda o regime herdado a 25 de Abril. ~~Reco~~  
~~Reconheço~~ ~~nesso~~ no ~~co~~ Fundação Cuidado do Futuro, elementos comuns aos códigos e à prática do período que antecedeu a Revol. Mas não posso negar que uma enorme dívida se tem acumulado ao longo destes passados 4 anos. São as instituições e a sua lógica herança de um tempo passado e responsáveis portanto dos vícios que contém, ou pelo contrário porque essas instituições traveira, suporte e reforço do regime que as agigantou. Tudo mais longe, e de certo modo mais duramente, tenho ainda que perguntar: são as pessoas, em

m<sup>tas</sup> traços do seu comportamento fútil<sup>11/</sup>  
 de uma educação e de um ambiente ou  
 afinal cúmplices, ainda que na oposição,  
 dos mesmos erros históricos do regime derru-  
 bado, e isto porque nelas se manifesta  
 idêntico oportunismo, sucessivas vagas de  
 novo riquismo, incapacidade de mobilização  
 num projecto que nos contenha e se torne  
 histórico, vazio de imaginação colmatado  
 pelos tenentes seguros dos números, das técnicas,  
 e de programas sem alma e sem amanhã.

Julgo ao contrário que a 25 de Abril e nos  
 meses que se lhe seguiram se produziu  
 um tal **Fundação Cuidar o Futuro** que as  
 instituições herdadas tinham sido, nas mãos  
 de quem tivesse de facto uma perspectiva  
 calma e reforçosamente revolucionária, um  
 castelo de cartas, que facilmente se teria  
 desmoronado, para em seu lugar serem cons-  
 truídos os edifícios sóbrios e diversificados  
 de uma nova realidade social.

Ouvi porém de várias partes, ao nível das  
 várias sedes de poder, intenções de  
 transformação que, já então, tinham para  
 mim o amargo sabor de uma "evolu-  
 ção na continuidade" e pressupunham  
 (?)

a intangibilidade de certas normas vinculadas pela existência das instituições. <sup>Refiro-me</sup> Afirmao por exemplo, ao carácter obrigatório da sindicalização, ao esforço expansionista do regime escolar, à estrutura concentracionária do estado, à manipulação do epívoco do asepticismo político das soluções técnicas.

Havia então uma fé cega (seiva? não seiva?) nas chamadas instituições democráticas na inflexível convicção de que "o como" do exercício do poder ~~traxesse~~ trazia consigo "o quê" e "para quê" desse mesmo poder. Era o primado da forma sobre o conteúdo, era a vitória da <sup>Fundação Caidas o Futuro</sup> finalidade, era o domínio da estrutura sobre o projecto, era o inepareável emo histórico de ~~substituir~~ tomar como ponto de partida o que poderia ser o termo da chegada, era a ciência política insipiente a revelar-se na instauração de instituições que nascidas em outras latitudes em outros momentos históricos, começavam já a dar contas da sua inevitável puerilidade. É tudo isto papé? Porque o regime herdado fora um regime antidemocrático, É não foi possível fazer uma revolução que se situasse fora do referencial que esse juízo postulava. Digo-o simplesmente

13/  
a substituir um regime antidemocrático  
na pressa apenas eliminar o anti e criar  
o que se convencionara chamar de demo-  
crático. Quatro anos passados, vemos o  
antagonismo ineditável q as concepções inerentes  
à palavra democrático continuam já a 26 de  
Abril. Não nos dá vamos conta de que  
toda a revolução é um espaço aberto  
para o novo, para o não criado, para a  
força colectiva. Preenchê-mo-lo à pressa,  
com as seguras e vetustas instituições "made  
in Europe".

Fundação Cuidar o Futuro

Paris, Nov. 1977

O nó da questão

Penso e repenso, analiso e diagnóstico, imagino e programo, dou forma à utopia, idealizo o pragmático. Tudo isto bordado sobre a realidade portuguesa vivida e sonhada, inacabada e em projecto.

Recuso-me a aceitar uma derrota histórica, menos talvez por generosidade para com este povo (que a não parece) do que por necessidade íntima e imperiosa de lutar contra o absurdo, de controlar o complexo, de transformar em caminho viável o que os sentidos mostram como barreira intransponível.

## Fundação Cuidar o Futuro

(E por isso ousar falar.) Incapaz de concentrar no coro de um libreto de ópera trágico-cômica, não me resta outra solução, senão a de pegar na caneta e de dizer o fluxo e refluxo do meu próprio pensamento.

No fundo, move-me ainda a inconsciente expectativa que da revolução manipulada e prostituída nasça corajosamente a revolução que vença o "mau olhado" da história e salve, por um qualquer exorcismo tradicional e mágico, desta doença de imaginação em que dolorosamente se esvai a alma nacional.

E preciso também que fique dito, que nesta aparente temosia ou quixotismo, não posso garantir que esteja em primeiro lugar uma exclusiva e natural preocupação pelo futuro do país a que pertença.

Colocou-me a minha própria história pessoal desde muito cedo e em muitas circunstâncias diferentes face a um ineludível sentimento de responsabilidade perante as forças, ideias e factos que conduzem a humanidade inteira. Esclareço desde já que ao arriscar escrever uma frase tão ambiciosa a não posso desligar de alguns momentos chave da minha própria existência, nem tão pouco do conceito de responsabilidade planetária que experimento.

## Fundação Cuidar o Futuro

Por isso, quanto à primeira condição, terei que dizer, que o mundo estudantil dos anos 50 foi para mim o lugar de uma espantosa descoberta da unidade das raças e culturas, da ausência real de fronteiras ao nível da comunicação mais profunda, da consciência transformada em imperativo ético de que uma grande solidariedade põe sobre os nossos ombros o destino de todos os homens. Tão pouco posso negar que o imediato entendimento entre técnicos e cientistas do mundo inteiro, a utilização de uma linguagem comum e a manipulação de conceitos e técnicas independentemente das latitudes e dos regimes políticos, levaram muito cedo a aceitar a evi-

dência não só de uma mesma capacidade mas de uma convergência na utilização das estruturas e das matrizes técnicas na abordagem de qualquer problema. Não foi por mero acaso que em 1969 ao ser-me formalmente posta a minha participação na Assembleia Nacional, a tive de negar por, como então dizia, ao explicitar que não podia partir do pressuposto da continuação da guerra colonial, "a lealdade à minha pátria passar inteiramente pela minha lealdade à humanidade e à sua evolução histórica".

É assim que ao começar a escrever as preocupações e as interrogações que me habitam sobre o "para onde vamos?" da sociedade portuguesa, tenho que honestamente confessar que se me encontro visceralmente (para não dizer neuro-vegetativamente!) empenhada na transformação da vida real dos 10 milhões de pessoas que neste rectângulo da Europa se encontram a braços com a sua sobrevivência e o seu modo de ser histórico, estou também objectivamente vinculada à significação de que se revestem os acontecimentos que Portugal tem vivido, para a interpretação da História contemporânea e para a formulação em termos claros de problemas vitais para a felicidade dos homens neste fim de século e de civilização em que nos encontramos.

É por isso que no meu pensamento se cruzam constantemente os factos concretos, vividos num lugar e num tempo bem

determinados, e as pequenas fatias de teoria que esses factos impõem e destacam no fluxo do pensamento vigilante. Continuo a dizer, sem receio de lugares comuns, nem do cinismo por onde se escapa a nossa angústia do fracasso, que Portugal tem sido um laboratório da História dos homens e como tal, o processo de transformação nele iniciado não pode ser precipitado por um qualquer produto externo nem neutralizado por um qualquer ácido corrosivo e destruidor. Assim ficam ditas as coordenadas em que me vou situar; assim ficam explicados os tropeços de estilo e o amalgame do aqui e do longe.

Fundação Cuidar o Futuro

No momento presente em Portugal, encontro a sobreposição de numerosos problemas. Põe-se agudamente a relação sociedade/estado. Toma nova forma a conjugação da soberania nacional com a integração dos espaços geo-políticos. Assume proporções desmedidas o confronto da democracia parlamentar com os conjuntos reais de associação das pessoas no seu quotidiano concreto. Põe-se com uma nudez transparente a impotência da ciência económica face à salvaguarda do bem-estar dos homens. Questiona-se assim radicalmente as noções de desenvolvimento, de crescimento económico, de progresso técnico, de libertação cultural. É nestas questões que vou tentar equacionar os dados que possuo. Vou fazê-lo a partir de uma primeira afirmação frontal: a grande contradição da sociedade portuguesa neste momento está na tentativa de realização de recuperação económica pelo Estado, num espaço e num tempo em que a economia revela o seu próprio fracasso e se encontra incapaz de resolver à escala do planeta as distorções que a sua prática cega gerou. Em outros termos, o desenvolvimento procurado pelo Estado Português não pode senão conduzir ao não-desenvolvimento global. O que parece ser numa primeira análise mais investimento, mais produtividade, mais empregos é inevitavelmente, por força do declínio do industrialismo neste fim de século, equivalente a menos benefícios sociais, impossibilidade prática de igualdade de oportunidades, negação num tempo curto da própria identidade cultural.

Se esta contradição é verdadeira, e se toca todos os aspectos da vida social, a sua superação tem dois caminhos: o da redução ao absurdo, isto é, a aceitação da sua irreversibilidade e o alcance do ponto zero para depois tombar no anonimato de todas as experiências falhadas e seguir ziguezagueando o comboio da história dos outros ou, rebentar por dentro, quer dizer, utilizar de forma consciente e clara o que é diminuição como ganho, o que é handicap como desafio, o que é aparência de irresolubilidade como convite a uma nova criação.

Ao apontar esta segunda via, fundo-me naturalmente na experiência da guerra colonial. Problema que começa por ser político, passa por uma noite de solução militar, torna-se de novo problema político e aí tem a sua primeira originalidade. Contrariamente ao que acontecera em outros lugares e impérios não é o poder central da potência administradora que decide politicamente o termo da dominação colonial. São os próprios defensores das possibilidades dessa dominação que subvertem o processo, terminam irreversivelmente a dominação e com ela instauram uma nova possibilidade de vida social e política. Como tive ocasião de dizer em Maio de 1974 julgo que esse rebentar por dentro da primeira contradição se foi repercutindo a todos os níveis em que se manifestavam as contradições secundárias do sistema.

E os exemplos são ainda demasiado próximos para que valha a pena fixá-los já numa sistematização necessariamente incompleta. O que me importa agarrar aqui é essa capacidade inerente à contradição fundamental, analisada até à angústia, isto é, até ao limite do racional, poder desembocar por si própria numa realidade totalmente outra.

Reconheço o sabor aparentemente demagógico da exploração a que acabo de me referir, e por isso me apresso a justificá-la e a traduzi-la em outras afirmações. Na análise que diariamente nos agride as mãos, os ouvidos e os olhos (e isto porque não poderá agredir nunca o nosso bom senso ancestral), têm sido sempre referidas causas lógicas para as dificuldades em que o país se encontra. É para muitos ainda o regime herdado a 25 de Abril. Reconheço no comportamento de muitos, elementos comuns aos códigos e à prática do período que antecedeu a revolução. Mas não posso negar que uma enorme dúvida se tem avolumado ao longo destes quase 4 anos. São as instituições e a sua lógica herança de um tempo passado e responsáveis portanto dos vícios que contêm ou pelo contrário foram essas instituições trave mestra, suporte e reforço do regime que as agigantou? Indo mais longe, e de certo modo mais duramente, tenho ainda que perguntar: são as pessoas

em muitos traços do seu comportamento frutos de uma educação e de um ambiente ou afinal cúmplices, ainda que na oposição, dos mesmos erros históricos do regime derrubado? E isto porque nelas se manifesta identico oportunismo, sucessivas vagas de novo riqüismo, incapacidade de mobilização num projecto que nos contenha e se torne histórico, vazio de imaginação, colmatado pelo terreno seguro dos números, das técnicas e de programas sem alma e sem amanhã.

Julgo ao contrário que a 25 de Abril e nos meses que se lhe seguiram se produziu um tal fervilhar do tecido social que as instituições herdadas teriam sido, nas mãos de quem tivesse de facto uma perspectiva calma e rigorosamente revolucionária, um castelo de cartas, que facilmente se teria desmoronado, para em seu lugar serem construídos os edifícios sóbrios e diversificados de uma nova realidade social.

Ouvi porém demasiadamente, ao nível das várias sedes de poder, intenções de transformar que, já então, tinham para mim o amargo sabor de uma "evolução na continuidade" e pressupunham a intangibilidade de certas normas veiculadas pela existência das instituições. Refiro-me por exemplo, ao carácter obrigatório da sindicalização, ao esforço expansionista do regime escolar, à estrutura concentracionária do estado, à manu-

tenção do equívoco do apecticismo político das soluções técnicas.

Havia então uma fé cega (seria?, não seria?) nas chamadas instituições democráticas na ingénuo convicção de que "o como" do exercício do poder trazia consigo "o quê" e "para quê" desse mesmo poder. Era o primado da forma sobre o conteúdo, era a vitória da organização sobre a finalidade, era o domínio da estrutura sobre o projecto, era o irreparável erro histórico de tomar como ponto de partida o que poderia ser o termo de chegada, era a ciência política insipiente a revelar-se na instauração de instituições que nascidas em outras latitudes, em outros momentos históricos, começavam já a dar conta da sua inevitável precariedade. E tudo porque? Porque o regime herdado fora um regime antidemocrático, e não foi possível fazer uma revolução que se situasse fora do referencial que esse juízo postulava. Digo-o simplesmente: a substituir um regime anti-democrático era preciso apenas eliminar o anti e criar o que se convencionara chamar de democrático.

Quatro anos passados, vemos o antagonismo irreduzível que as concepções inerentes à palavra democrático continuam já a 26 de Abril. Não nos dávamos conta de que toda a revolução é um espaço aberto para o novo, para o não criado, para a força colectiva. Preenchêmo-lo à pressa, com as seguras e vetustas instituições "made in Europe".